

EDITORIAL

Missão Cumprida

Ao longo destes seis anos durante os quais, quase em continuidade, estive à frente do boletim da Sociedade Científica, *Lumen Veritatis*, foi intenção minha e da Direcção da Sociedade que ele fosse, de um modo muito simples e modesto, elo de ligação e memória entre todos os sócios da Sociedade Científica. Aqui partilhámos reflexões como propostas de uma visão equilibrada do mundo em que vivemos; recordámos os nossos sócios que entretanto, terminada a sua peregrinação terrena, nos deixaram; pusemos em comum momentos de convívio, em visitas de estudo, passeios e encontros de Natal; fizemos eco dos nossos colóquios científicos inter-disciplinares, congressos e jornadas, que deram visibilidade à nossa criatividade e à nossa projecção nacional e internacional. Ao passar o testemunho, terminado o nosso mandato, pessoalmente sinto ter cumprido a missão, sentindo-me satisfeito por ter dado um pouco do meu tempo à nossa Sociedade Científica, certo de que, com a colaboração generosa de todos, ela possa continuar a ser no nosso meio um espaço de encontro e de colaboração no caminho da busca da *Verdade!*....

José Jacinto Farias

O PAPEL DAS HUMANIDADES NA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI

por *Aníbal Pinto de Castro*

Numa recente biografia do Papa João Paulo II, da pena de Edward Stourton,¹ leio que “as noites a ler os românticos polacos ao colo do pai tinham [ensinado ao pequeno Karol Wojtyła] que a alma de uma nação vive da sua literatura”. Ainda aqui o saudoso Pontífice Romano foi *pater et magister!* E estas palavras mostram-se não só adequadas, mas nimbadas de uma luminosa verdade, que as impõe à serena reflexão do nosso tempo, onde a uma espécie de mística de cientismo técnico aparece tantas vezes como a maior ameaça de um Humanismo que dê ao Homem a dimensão liminarmente exigida pela sua condição de filho de Deus, em cuja pessoa o corpo encontra no espírito a capacidade de superar as suas limitações terrenas para subir aos cumes da feliz ascense à Cidade de Deus. E o que João Paulo II dizia

(continua na página 2)

¹ *João Paulo II, um Homem para a História*. Trad. port. de Luís Leitão. Lisboa, Bizâncio, 2006, p. 58.

(continuação da página 1)

da Literatura bem pode tornar-se extensivo às restantes disciplinas que constituem o quadro das Humanidades, presentes na pedagogia da Europa, desde a *paideia* grega às *humaniores litterae* e que, desde o Renascimento, ofereceram, embora com naturais oscilações, a base essencial da formação integral do Homem.

Ora, na sua ânsia de modernização que julga alcançar através de um estado crónico de reformas nunca concluídas e de uma aposta no tecnicismo estreme que a “revolução” trazida pelas novas técnicas de comunicação aparentemente valoriza, a Universidade portuguesa tem esquecido esta realidade e a verdade que ela continua a encerrar. Os resultados negativos desta atitude, que o presente já patenteia com flagrante evidência, não poderão deixar de acentuar-se no futuro, até pela sua repercussão na formação dos professores dos outros graus de ensino que a cargo dela tem estado. E não se vê que os seus responsáveis, mais preocupados em vender um “produto” que lhes traga verbas, do que em reflectir sobre a qualidade do ensino que ministram e sobre o seu real valor para a formação dos jovens, abandonem uma posição de lamentável passividade, agora escudados na leitura apressada ou mal digerida da chamada Declaração de Bolonha, fazendo do prestígio da primeira Universidade do mundo a capa com que encobre a sua incapacidade de renovação, como se tal atitude fosse a panaceia universal que há-de salvar a verdadeira cultura do homem moderno.

Na conjuntura presente de uma União Europeia em que os ditos *grandes* mal conseguem mascarar

sob falaciosos disfarces a sua ambição de hegemonia sobre os que consideram *pequenos*, esquecem-se os políticos apressados ou incultos que, desde o Império Romano a S. Bento e a Carlos Magno, foram a história e a diversidade cultural os melhores fundamentos da unidade e identidade do velho Continente, berço de tantas civilizações ou rejuvenescimento de outras espalhadas pelo Mundo.

O pensamento, as artes, a língua e as criações estéticas que ela permite são aquilo que mais especificamente define a comunidade espiritual de um povo e dos indivíduos que o constituem. É quando os indivíduos ou os povos, como acontece hoje, de modo tão preocupante, se debatem num estonteante relativismo de valores, só poderemos preencher o vácuo asfixiante que daí resulta se, de olhos bem postos no futuro, pudermos manejar esses Meios de expressão a partir de uma *tradição* cultural (no seu mais puro e dinâmico sentido etimológico), guardada na *memória*, fonte inesgotável de criação, graças à qual, em cada geração, os seus elementos conteudísticos e formais se actualizam num permanente *feri*. E é por isso que os mais antigos mitos gregos continuam a dar significado aos eternos anseios e problemas do Homem.

Por isso a obra de arte vence tão facilmente as barreiras do tempo, englobando um forte feixe de constantes que encerram e explicitam, como nenhum outro, as grandes linhas de rumo da cultura dos povos.

E se quisermos assumir a tarefa de continuar essa realidade no futuro, teremos de a estudar. De a conhecer e de a dar a conhecer, transmitindo-a na tal cadeia da *traditio* aos que depois de nós vierem.

Claro está que os resultados deste trabalho não são visíveis no imediato, nem o seu valor pode aferir-se em termos de cifras, como pretendem os rege-dores da *res publica*, ainda quando se acolham à sombra veneranda da mãe das Universidades da Europa e do Mundo cristãos. Pelo contrário, o saber humanístico e a sua constante actualização consti-tuem um tesouro, discreta e quase subrepticamente acumulado e sempre enriquecido a partir da forte convicção de que as suas preciosidades só rendem na dimensão da intemporalidade, mas de uma intemporalidade que, para o ser, terá de ser actuali-zada em cada dia e em cada acto de uma cultura que, para ser completa, não pode nem deve fechar-se às imensas e apaixonantes potencialidades das Ciências Exactas. Até porque será desse escrínio assim acrescentado em cada geração que há-de sair a poderosa essência do espírito, mercê da qual o Homem dos séculos vindouros poderá superar as

contingências do efémero e a frieza da técnica, mesmo quando eficaz, porque facilita a vida, mas raras vezes a preenche, porque não lhe satisfaz o apelo irresistível da sua natureza divina.

Fomentar e aperfeiçoar os meios que conduzam ao reconhecimento dos direitos do primado do espí-rito, para dar ao que da vida é material o valor que lhe cabe no mundo presente e futuro, e para plas-mar o Homem segundo o primado da alma no saber, na liberdade, na justiça e, tanto quanto pos-sível, na felicidade, é, pois, sem sombra de dúvida a tarefa do estudo das Humanidades na Universi-dade do século XXI.

Só assim poderemos cumprir cabalmente o nosso papel de universitários e de formadores, para que todos possamos dizer, com consciência, as pala-vras do Apocalipse: *Beati qui lavant stolas suas, ut sit potestas eorum in ligno vitae, et per portas intrent in civitatem.*

IGREJA E EUROPA: A AGENDA DE BENTO XVI

por Jaime Nogueira Pinto*

Em princípios de Janeiro de 2007, o José Pacheco Pereira, que não sendo católico é um homem inteligente e culto e por isso sensível ao problema religioso e ao papel do **transcendente** na civilização, escreveu no **Público** um artigo sobre Bento XVI e o seu papel no mundo contemporâ-neo. Aí citava aquela bela passagem, em que o Papa se refere ao “choque” da Igreja com o mundo de

hoje, comparando-a a um personagem da Antiguidade, que saísse do seu sarcófago com as suas vestes tradicionais e solenes, e viesse ter con-nosco às ruas das nossas cidades do século XXI.

Tenho para mim que esse problema da presença e “comunicação” da Igreja e da mensagem eterna de Cristo, concebida e recebida **historicamente** na transição do Mundo Antigo, do apogeu de Roma,

* Professor Universitário do ISCSP.

numa remota província do Império, para a nossa modernidade ou pós-modernidade é uma das grandes questões do nosso tempo, sobretudo para nós, cristãos pensantes e problematizantes, na Europa Ocidental de hoje.

As imagens e a linguagem evangélica, para não falar já do Antigo Testamento, estão marcadas e demarcadas por essa linguagem “arcaica” – que fala de semeadores, de pescadores, de figueiras e vinhas; de um tempo “rural” sem tempo, em que a intervenção divina é quotidiana e paira sobre o mundo uma espécie de braço mágico de Deus, a cada momento, acompanhando as andanças do Messias: são os cegos que vêem, os paralíticos que andam, os mortos que ressuscitam. São as leis da física e da química mudadas no caminhar sobre as águas, no multiplicar de pães, no transformar da água em vinho.

É o “mundo encantado”, pré-racional, pré-positivo, pré-Luzes. Mas a Europa, mais que qualquer continente do globo, “matou” esse mundo, marginalizou-o, rejeitou-o. E temos que procurar, outra vez, o “Deus escondido” em nós, nesses textos de Revelação, mas que até por essa exemplificação e imagética, se tornam de dia para dia mais estranhos ao comum dos europeus, ancorados nesta pós-História dominada pela economia, pela técnica, pelo utilitarismo, pela ausência do sagrado, substituído por este humanismo *light*, que é a correcção política dos nossos dias. A Europa Ocidental, na cultura do hedonismo de massas – a realização de uma utopia consumista, parecida com as velhas Cucanhas infantis e as utopias positivas do século XIX – um “pão e circo”, feito de “espaços comer-

ciais”, *gadgets* e sobretudo barulho. Muito barulho para nada.

João Paulo II pegou na agenda da reunificação das Europas cristãs, do Atlântico aos Urais, da (re)evangelização das Américas e da África, depois de ter feito as reformas discretas mas essenciais da Cúria e publicado uma série de textos doutrinários, sempre viajando depois como um peregrino sem parança, *urbi et orbe*.

Bento XVI sabe que o seu problema é evangelizar a velha Europa: a velha Europa das Catedrais e da quadrícula paroquial, hoje das igrejas semi-vazias e do anti-cristianismo militante na legislação destruidora das bases cristãs – aborto livre, casamentos *gays*, individualismo radical.

Nesse ponto, Bento XVI percebeu, até pela sua evolução intelectual de simpatizante do “progressismo” religioso, cultural e litúrgico nos anos 60 a defensor de uma linha de ortodoxia substancial, como “guardião da Fé”, que o “inimigo principal” da Religião e da Civilização, é o relativismo absoluto, a regra de não ter regras, a conclusão última e coerente da **tradição continental das “Luzes”**. A equivalente anglo-saxónica é outra história... O Papa sabe que não são outras religiões – nomeadamente o Islão – que constituem o risco para a Civilização, mas antes este nihilismo plebeizado, embrutecido, divulgado pelos *media*, carregados dessa cultura anti-cristã.

Daí o seu esforço teórico para, retomando aquela que sempre foi a linha central do pensamento da Igreja de Cristo, marcar a harmonia e a síntese entre Fé e Razão, dentro do espírito e problemática do nosso tempo.



CRÓNICA DAS ACTIVIDADES DA SOCIEDADE CIENTÍFICA

No dia a 8 de Abril de 2006, teve lugar a Assembleia Geral da SCUCP que foi precedida por uma conferência sobre «A teologia de Joseph Ratzinger» pelo Prof. Dr. Henrique Noronha Galvão, que, durante mais de uma década, trabalhou sob a orientação do actual Papa Bento XVI.

A Assembleia Geral realizou-se nas instalações da Universidade Católica. Foram propostos e admitidos os novos sócios a seguir enunciados:

Maria Lúcia Amaral,
António José Bagão-Félix,
Alexandre Castro Caldas,
José Ferreira Pereira Ferraz,
Maria Elsa de Jesus Gonçalves,
Maria Manuela Ferreira Leite,
Jorge Fazenda Lourenço,
José Tolentino de Mendonça,
José Maria Silva Rosas,
José Manuel Sardica.

Colóquio

Por iniciativa das secções de Ambiente, de Ciências e Tecnologia da Saúde e de Economia, realizou-se o Colóquio «População, Ambiente e valorização de recursos», no dia 11 de Maio de 2006. O colóquio visou «construir uma opinião esclarecida» sobre o «problema de compatibilizar o crescimento da população com os recursos alimentares».¹

Intervieram J. L. César das Neves (A evolução da população no mundo: contraste entre o mundo rico e o mundo pobre); J. E. Mendes Ferrão (Recursos

Cadernos

6

População, Desenvolvimento e Valorização de Recursos



*Sociedade Científica
da Universidade Católica Portuguesa*

¹ Nas palavras do Prof. Dr. Mendes Ferrão.

naturais: os alimentos chegam para todos?); M. A. Silva e Sousa (Nosologia e limitação da natalidade); Ernâni Lopes (Políticas de desenvolvimento mundial); Teresa Ribeiro (Perspectivas do desenvolvimento da família); V. Xavier Pintado (Políticas de conciliação trabalho – família) e Raul Dinis, da A. E. S. E. (Perspectiva cristã do desenvolvimento) em substituição de J. A. Bagão-Félix, impedido de comparecer.

O colóquio foi aberto pelo magnífico Reitor da UCP, e encerrado pelo Prof. Dr. Silva e Sousa, que fez o balanço das intervenções.

As Actas do Colóquio encontram-se disponíveis. Foram publicadas, com o título *População, Desenvolvimento e Valorização de Recursos*, em ed. da S.C.U.C.P. (Lisboa, 2006), constituindo o n.º 6 dos seus *Cadernos*.

Encontro de Natal

No dia 25 de Novembro realizou-se na cidade de Évora o tradicional encontro de Natal. Os sócios participantes visitaram a Sé e o respectivo Museu, sendo a visita conduzida pelo Sr. Cónego Fernando António Marques.

Houve em seguida um pequeno concerto pelo organista da Sé, Dr. Rafael Reis, no órgão do séc. XVI, o instrumento mais antigo da Península Ibérica.

Foram executadas peças de Girolamo Frescobaldi, Girolamo Cavazzoni, Francisco Correa d'Araújo e Pedro de Araújo.



Sé de Évora – Órgão de 1562 (o mais antigo da Europa) ↗

Depois do almoço, na Pousada dos Lóios, seguiu-se uma visita à Biblioteca Pública de Évora, acompanhada pelo Doutor José António Calixto.

HOMENAGEM

Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva Presidente da República

No dia 22 de Janeiro de 2006 foi eleito Presidente da República, o Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, o que muito honrou a Sociedade Científica da UCP que o conta, desde há muito, entre os seus membros, e que, naturalmente, enviou felicitações.

PARA SEMPRE AUTORES E OBRAS

Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa (1917-2006)

por João César das Neves

Nascido a 31 de Julho de 1917, na vila da Murtosa, distrito de Aveiro, foi com resistência familiar e social que escolheu o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras para se licenciar, sendo as áreas económicas consideradas menores na época, antes da reforma que o futuro professor realizaria. Em 1940 licenciou-se nas quatro secções do curso e, após breve passagem pelo Banco Pinto & Sottomayor, escolheu a carreira académica, de novo com oposição familiar.

Doutorando-se no ISCEF a 24 de Junho de 1941, foi nomeado professor catedrático interino em 1945. A leccionação da cadeira nº 9, “Economia Política” do primeiro ano, iniciada em 1946/47 foi o seu primeiro grande contributo nacional, introduzindo no ISCEF a teoria económica. A mudança tornou-se definitiva com o Decreto nº 37584 de 17 de Outubro de 1949 de reforma do ISCEF, que teve em Pinto Barbosa o reconhecido inspirador e dinamizador. A 11 de Junho de 1951 foi aprovado como Professor catedrático efectivo, mas a universidade já o perdera a 5 de Agosto

de 1950, nomeado como Subsecretário de Estado do Tesouro.

A estadia no Ministério das Finanças duraria 15 anos. Aí viveu todo o exigente período do pós-guerra, os terríveis problemas da guerra colonial, a internacionalização da economia. A 8 de Julho de 1955 tomou posse como Ministro das Finanças, cargo que exerceu até 14 de Junho de 1965. Ficaram-se a dever-lhe medidas como a reforma fiscal, a condução financeira dos planos de fomento, toda criação do sistema financeiro moderno.

Saindo, a seu pedido, do Ministério foi nomeado governador do Banco de Portugal em Abril de 1966, onde também presidiu a uma época de magnas mudanças monetárias mundiais. Substituído após a revolução de 1974, foi “special consultant” do Banco de Pagamentos Internacionais em Basileia de 1975 a 1978. O regresso definitivo a Portugal e à universidade deu-se então para a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. Faleceu a 8 de Março de 2006.

Prof. Doutor Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida (1922-2006)

por Maria Helena da Cruz Coelho*

Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida nasceu em Coimbra, em 28 de Dezembro 1922, e nesta cidade fez todos os seus estudos, tendo-se licenciado em Direito em 1946 e em Ciências Históricas e Filosóficas em 1957 com 18 valores. Tendo sido contratado como Assistente (Grupo de História) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1957, aí desenvolveu toda a sua carreira universitária – doutoramento em 1973, professor extraordinário em 1978 e professor catedrático em 1982 – até à sua jubilação em 1992.

Leccionou diversas disciplinas especialmente no âmbito da História Moderna Geral ou de Portugal, sendo um docente muito competente e empenhado com os seus alunos. A sua tese de licenciatura, *A Diplomacia Portuguesa e os limites meridionais do Brasil (1493-1700)* e a de doutoramento incidindo sobre *A Colónia do Sacramento na época da Sucessão de Espanha*, bem como alguns artigos posteriores no âmbito desta temática, tornaram-no um reputado especialista em História do Brasil Colonial,

em particular no período da dominação filipina. Publicou mais de seis dezenas de trabalhos que versaram sobre a história política, populacional e económica. Desempenhou diversos cargos na Faculdade de Letras e pertenceu a diversas associações científicas nacionais e estrangeiras, dedicando muito do seu tempo à publicação da *Revista Portuguesa de História*, que muito prestigiou com o seu labor e entrega.

Tendo eu entrado para Assistente na mesma Faculdade em 1971, ao longo de mais de vinte anos tive no Prof. Doutor Ferrand de Almeida um modelo de Mestre, dedicado pedagogicamente, zeloso e cumpridor, de grande erudição e probidade científica, que todos os seus Colegas estimavam e sempre hão-de lembrar, muito para além do seu desaparecimento deste mundo, em 20 de Maio de 2006, com todo o respeito e admiração.

Propriedade

Universidade Católica Portuguesa – Sociedade Científica
Palma de Cima – 1649-023 Lisboa
Tel.: 351 21 721 40 00 • Fax: 351 21 726 05 46

Director

José Jacinto Farias

Revisão

José Cardoso

Digitalização de imagem

Digicult

Paginação e Impressão

Sersilito - MAIA

Depósito Legal

N.º 74994/94

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.